

***La tristeza que tuvo tu valiente alegría*¹**
**A erudição ibérica na obra *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes
(1547-1616) em uma reavaliação atual do pensamento crítico
proposto por Erich Auerbach (1892-1957)**

La tristeza que tuvo tu valiente alegría
*The Iberian erudition in the work *Don Quixote* by Miguel de Cervantes (1547-1616) in a
recent reassessment of critical thinking proposed by Erich Auerbach*

Elaine Cristina Senko*

Resumo: Pretendemos nesse artigo discutir historicamente um dos capítulos da obra *Mímesis* de Eric Auerbach (1892-1957) intitulada *A Dulcinéia Encantada*. Incluída na obra apenas em 1949, o referido capítulo deixa em aberto a questão da profundidade da obra *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes (1547-1616) e silencia sua importância histórica. Propomos, por conseguinte, uma reavaliação atual do pensamento crítico de Auerbach sobre este assunto.

Palavras-chave: Eric Auerbach, Miguel de Cervantes, erudição ibérica

Abstract: We intend in this article discuss historically one the chapters the work of Eric Auerbach's *Mímesis* entitled *The Enchanted Dulcinéia*. Included in the work only in 1949, this chapter leaves open the question of the depth of the work *Don Quixote* by Miguel de Cervantes (1547-1616) and silence its historical importance. We propose, therefore, a current review of critical thinking on the subject of Auerbach.

Keywords: Eric Auerbach, Miguel de Cervantes, iberian scholarship

*No te conoce nadie. No. Pero yo te canto.
Yo canto para luego tu perfil y tu gracia.
La madurez insigne de tu conocimiento.
Tu apetencia de muerte y el gusto de su boca.
La tristeza que tuvo tu valiente alegría.*

(Trecho do poema *Alma Ausente* de Federico Garcia Lorca)²

O trabalho desenvolvido por Eric Auerbach em sua obra *Mímesis* é com toda certeza de grande contribuição ao universo da crítica e análise literária. De fato, suas reflexões continuam sendo utilizadas na atualidade, tendo em vista a densidade e abrangência de suas considerações sobre o que seriam as obras fundamentais da literatura ocidental³. Dentre tais obras, selecionadas por ele, encontramos *Dom Quixote de La Mancha*⁴, de Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616). No capítulo intitulado *A Dulcinéia Encantada*⁵, destinado à

* Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Membro do Núcleo de Estudos Mediterrânicos. Professora de História do TECPUC-PR.

discussão do trabalho de Cervantes, verificamos uma acentuada crítica por parte de Auerbach em relação a tal escrito, posição que colabora, conseqüentemente, na difusão de um olhar depreciativo em torno deste. Pois bem, o presente trabalho tem por objetivo, do ponto de vista da crítica e análise historiográfica, avaliar tal pensamento e repensar as considerações de Auerbach. Nesse sentido, tendo por base a historicidade do trabalho de Cervantes, partimos para um olhar que leve em consideração uma tradição ibérica enriquecida culturalmente pelo contato com diversas tradições, fator que lhe atribuiu uma originalidade, especificidade, que modo algum pode ser questionada⁶. De fato, a partir do século das “luzes” o olhar europeu do norte sobre o que é ibérico tornou-se dicotômico: o norte detentor da razão cartesiana e o sul como exemplo da razão barroca contra-reformista. Continua sendo preciso, portanto, o surgimento de análises que desmistifiquem tais preconceitos tão enraizados e que se demonstram, por vezes, espalhados em diversas produções culturais.

Iniciamos apresentando um trecho específico da obra de Cervantes (presente no capítulo X, do Livro Segundo de *Dom Quixote de La Mancha*) utilizado por Auerbach como aporte principal para as críticas que desenvolve:

- Eu não vejo, Sancho, disse D. Quixote, senão três lavradoras sobre três burrinhos.
 - Então, livre-me Deus do diabo, respondeu Sancho; e é possível que três hacanérias, ou como se chamam, brancas como o floco de neve, pareçam a vossa mercê burrinhos? Que me caiam as barbas e se os olhos me enganam!
 - Pois eu te digo, Sancho amigo, disse D. Quixote, que é tão verdade que são burrinhos ou burrinhas, como eu sou Dom Quixote, e tu Sancho Pança: ao menos a mim assim parecem.
 - Cale-se, senhor, disse Sancho, não diga tal palavra, senão abra esses olhos e venha fazer reverência à senhora dos seus pensamentos, que já vem perto: e dizendo isto, adiantou-se a receber as três aldeãs, e apeando-se do ruço segurou pelo cabresto o jumento de uma das três lavradoras, e ficando ambos os joelhos no chão, disse:
 - Rainha, princesa e duquesa da formosura, vossa altivez e grandeza sejam servidas de receber em sua graça e bom talento o cativo cavaleiro vosso, que ali está feito pedra-mármore, todo turbado e sem pulsos de ver-se ante vossa magnífica presença. Eu sou Sancho seu escudeiro, e ele é o afadigado cavaleiro D. Quixote da Mancha, também conhecido como o Cavaleiro da Triste Figura.
- A essa altura já se havia posto D. Quixote de joelhos junto a Sancho, e olhava com olhos esbugalhados e vista turbada à que Sancho chamava rainha e senhora; e como não descobrisse senão uma moça aldeã e de feições não muito bonitas, porque tinha a face redonda e chata, estava suspenso e admirado, sem ousar despregar os lábios. As lavradoras estavam também atônitas vendo aqueles dois homens tão diferentes fincados de joelhos, atravessados no caminho...⁷

O trecho acima citado é um momento específico da obra no qual entrevemos a relação, digamos, complexa entre Dom Quixote e Sancho Pança. Partindo de sua visão, Dom Quixote apresenta a realidade que vê ao seu escudeiro, enquanto este, seguindo uma estratégia em seus pensamentos, tece intencionalmente uma ficção a respeito daquela realidade, praticamente coagindo seu senhor a não acreditar naquilo que observava. Para Auerbach, no entanto, tal

recurso da parte de Cervantes possuiria um sentido muito simples, caracterizando o estilo dessa narrativa como *idealista, incondicional e heróica*⁸. De fato, Auerbach desenvolve uma crítica sobre a obra, como verificamos em suas próprias palavras:

Na segunda parte, o licenciado Sansão Carrasco constrói o seu plano de cura em torno do jogo com a idéia fixa e, mais tarde, no palácio do duque e em Barcelona, a doidice de Dom Quixote é utilizada metodicamente como passatempo, de tal forma que quase não há mais aventuras legítimas, mas somente fingidas, isto é, preparadas para a diversão dos seus organizadores, especialmente à medida da doidice do cavaleiro. Em toda esta multidão de reações, tanto na primeira quanto na segunda parte, falta inteiramente uma coisa: complicações trágicas e conseqüências sérias. Mesmo o elemento satírico e o elemento de crítica do seu tempo são muito fracos: deixando de lado a crítica puramente literária, faltam quase por completo; limitam-se a curtas observações ou eventuais caricaturas de alguns tipos (por exemplo, o clérigo na corte do duque); nunca são fundamentais, e sempre são moderados em sua atitude. Antes de mais nada, não é através das aventuras de Dom Quixote que são eventualmente descobertos alguns problemas fundamentais da sociedade contemporânea. A sua atividade não descobre nada. É um motivo para apresentar a vida espanhola em colorida plenitude; durante os múltiplos choques de Dom Quixote com a realidade nunca surge uma situação que ponha em questão esta realidade quanto ao seu direito de vida: ela sempre tem razão contra ele, e depois de um pouco de alegre confusão, continua a fluir, indiferente e intata⁹.

Diante de tais colocações, passamos agora a problematizar tais perspectivas (ou mesmo julgamentos) de Auerbach com relação à obra *Dom Quixote de La Mancha*: 1. Devemos inicialmente considerar que a chamada “doidice” do cavaleiro, ou seja, o comportamento manifestado por D. Quixote, não é um simples “passatempo”, como aponta Auerbach, mas sim um recurso, uma forma de representação da realidade (mímesis) que demonstra uma crítica, da parte de Cervantes, em relação à sociedade de seu tempo; crítica, aliás, não apreendida por Auerbach e que podemos entrever através de uma observação do contexto no qual o autor, Cervantes, estava inserido. Pois bem, o personagem Dom Quixote seria como a representação de um nobre da antiga *nobilitas* medieval que, naquele momento do século XVI, passava por dificuldades de adaptação perante as constantes transformações da sociedade. Lembremos que especialmente depois da conquista de Granada, em 1492, os homens armados, os cavaleiros, deixaram de possuir o exercício de uma atividade bélica direta na Península Ibérica. Justamente por isso alguns deles vão se jogar na aventura da expansão marítima. Mas e os que ficam em território ibérico? É a melancolia de ficar “sem sua função” que os abate, tal como em Dom Quixote. Nesse sentido apresenta-se como um fidalgo, que era a parcela da sociedade que estava ociosa, pois não sabia a quem servir e o que fazer exatamente. Tudo isso, em suma, se configurava como um grave problema social. Por exemplo, a Batalha de Lepanto (1571) - na qual Cervantes participou, foi preso e resgatado – serviu de válvula de escape para os *bellatores* ibéricos. Todo esse enlace histórico

aparentemente passa despercebido por Auerbach. Ademais, lembremos que os livros de cavalaria são intensamente vendidos até o século XVIII em toda a Europa. 2. Na seguinte afirmação de Auerbach encontramos uma crítica mais séria, desmedida, com relação à produção cultural ibérica: “Em toda esta multidão de reações, tanto na primeira quanto na segunda parte, falta inteiramente uma coisa: complicações trágicas e conseqüências sérias”. Auerbach simplesmente prega, através de um julgamento, o caráter superficial da obra de Cervantes. Tal atitude, ao que nos parece, nega a profundidade da obra de Cervantes, uma atitude que simplesmente desconhece o estilo dramático ibérico, que tenta contemplar muitas vezes a condição humana¹⁰ no todo de suas peças. 3. *Dom Quixote de La Mancha* não é um mero escrito que apenas colore uma realidade e que não possui foco; trata-se de uma representação da tragédia da vida humana. Encontramos, assim, uma profundidade psicológica retratada em Dom Quixote e Sancho Pança, atribuindo a estes personagens momentos de alegria e tristeza que seriam, de fato, próprios da condição humana universal.

Auerbach demonstra um sério equívoco de interpretação da obra cervantina quando insiste em apontar sua inverossimilhança, tal como se dela não pudéssemos definitivamente encontrar qualquer indício da realidade, ou seja, do comportamento humano daquele contexto específico. Pois bem, façamos uma reflexão sobre tal consideração tendo por base a seguinte narrativa de Cervantes, presente no *Prólogo do Livro Primeiro*:

Desocupado leitor, não preciso de prestar aqui um juramento para que creias que com toda a minha vontade quisera que este livro, como filho do entendimento, fosse o mais formoso, o mais galhardo e discreto que se pudesse imaginar: porém não estive na minha mão contrair à ordem da natureza, na qual cada cousa gera outra que lhe seja semelhante; que podia portanto o meu engenho, estéril e mal cultivado, produzir neste mundo, senão a história de um filho magro, seco e enrugado, caprichoso e cheio de pensamentos vários, e nunca imaginados de outra alguma pessoa? Bem como quem foi gerado em um cárcere, onde toda a incomodidade tem seu assento, e onde todo o triste ruído faz a sua habitação? [...] Não quero encarecer-te o serviço que te presto em dar-te a conhecer tão honrado e notável cavaleiro; mas sempre quero que me agradeças o conhecimento que virás a ter do grande Sancho Pança, seu escudeiro, no qual, segundo o meu parecer, te dou enfeixadas todas as graças escudeirais que pela caterva dos livros ociosos de cavalaria se encontram espalhadas e diversas. E, com isto, Deus, te dê saúde, e se não esqueça de mim¹¹.

Como percebemos, Cervantes apresenta logo ao início de seu trabalho uma clara referência ao período em que esteve como prisioneiro em Sevilha, em 1602, para assim transmitir ao leitor que sua obra é fruto de uma experiência no mundo em que viva. Passemos então a discutir tal questão tendo por base a seguinte colocação de Auerbach, momento em que ele identifica na obra cervantina dois estilos que estariam no limite da unidade narrativa entre o *idílico* e o *cotidiano*:

No caso de Cervantes, devido à loucura de Dom Quixote, os dois modos de vida e os dois níveis estilísticos chocam-se entre si, sem qualquer possibilidade de transição cada um está fechado em si; o único elo que os liga é a alegre neutralidade do jogo – cujo diretor e mestre é, desta vez, Sancho: o desajeitado camponês, que até há pouco acreditava em quase tudo que o seu amo contava, que nunca conseguirá compreendê-lo e que sempre age segundo a situação do momento. Aqui o embaraço da situação permitiu-lhe enganar o seu senhor, e ele próprio se encontra na posição de diretor do jogo com a mesma verve e capacidade de adaptação, com a qual mais tarde se acomodará à situação de governador de uma insula¹².

Para Auerbach quem faz a ligação entre o idílico e o cotidiano é o personagem de Sancho. Mas será que Sancho nunca conseguiu compreender Dom Quixote? Acredito que Sancho é quem mais compreenda as ações de Dom Quixote. Tendo em vista, portanto, o primeiro trecho da obra literária cervantina citada por Auerbach, Sancho aparentemente conhece Quixote de modo profundo; ademais, é Sancho quem trabalha para transformar a situação real em algo que ela não é, tudo para de certa forma agradar seu mestre. Assim podemos pensar, Sancho complementa Quixote e vice-versa. O personagem Sancho tem sua profundidade específica e vai demarcar o ritmo trágico que o desenrolar dos acontecimentos pode desembocar. Disso afirma o próprio Auerbach – por isso sua contradição – “Tais transformações tornam a realidade um teatro que funciona incessantemente – sem que ela cesse de ser realidade”¹³. Claro, temos conhecimento de que Auerbach buscou interpretar o menos possível a obra cervantina¹⁴, mas o poderia ter feito, tendo em vista que sem uma análise abrangente não se torna possível compreender a ação de Cervantes em escrever *Dom Quixote de La Mancha* e os elementos de representação, mímesis, nela inclusos.

Passaremos agora para o que consideramos um total silêncio de Auerbach: a influência da tradição literária árabe na narrativa de *Dom Quixote de La Mancha*. De fato, a presença muçulmana na Península Ibérica durante grande parte do Medievo e sua conseqüente influencia cultural na cultura cristã/ocidental não pode ser desconsiderada ou silenciada, mas sim analisada em suas possíveis manifestações. Vejamos, no seguimento, uma passagem da obra de Cervantes que justamente trata dessa perspectiva:

Quando eu ouvi falar de Dulcinéia del Toboso, fiquei atônito e suspenso, porque logo se me representou que no alfarrábio se conteria a história de Dom Quixote. Neste pressuposto, roguei-lhe que me lesse o princípio do livro em linguagem cristã, o que ele fez, traduzindo de repente o título arábigo em castelhano deste modo: *História de Dom Quixote de la Mancha*, escrita por Cide Hamete Benengeli, historiador arábigo. Muita prudência me foi mister para dissimular o contentamento que me tomou, quando semelhante título me chegou aos ouvidos; e, antes que o rapaz apresentasse o livro ao homem das sedas, lhe comprei toda a papelada e os alfarrábios por uns reles cobres, que se ele fora mais previsto, e soubesse a grande melgueira que me trazia ali, bem podia ter feito comigo veniaga para mais seis reales. Retirei-me logo com o mourisco para o claustro da igreja maior, e lhe pedi me trocasse em língua castelhana todos aqueles alfarrábios, que tratavam de Dom Quixote, sem omitir nem acrescentar nada, oferecendo-lhe duas arrobas de passas, e

duas fangas de trigo, e prometeu traduzi-los bem e fielmente com muita brevidade. Mas eu, para facilitar mais o negócio, e não largar da mão tão bom achado, o trouxe para minha casa, onde em pouco mais de mês e meio traduziu tudo exatamente como aqui se refere¹⁵.

Nesse momento, presenciamos por parte de Cervantes uma intencional referência à tradição e cultura árabe, com a qual Dom Quixote entra em contato e descobre a existência de um escrito acerca de sua própria existência. Essa passagem transparece ao leitor a presença, naquele ambiente ibérico, da cultura muçulmana, de sua influência ainda presente que continuaria alimentando e transformando a cultura cristã. Trata-se, portanto, de um marco característico atribuído à Espanha, região que Cervantes tanto valorizou através de seu escrito. Talvez, podemos refletir, o próprio Cervantes pudesse sentir uma influência da cultura árabe em sua motivação e modo de escrita, indicando tal fato, indiretamente, através dos pensamentos e ações de Quixote. Por exemplo, poderíamos problematizar tal questão de possível influência recordando do *Livro das Mil e Uma Noites*¹⁶, no qual verificamos essa construção narrativa que sobrepõe contos dentro de contos, prolongando o desenrolar da estória. Isso ocorre no caso da análise da *História de Dom Quixote de la Mancha*, escrita por Cide Hamete Benengeli, dentro da narrativa inicial que estamos lendo que foi escrita por Cervantes e sendo feita pelos passos trilhados de Dom Quixote:

A mim assim me parece, pois, podendo deixar correr à larga a pena no encarecer os merecimentos de tão bom fidalgo, parece que de propósito os remete ao escuro; coisa malfeita e piormente pensada, por deverem ser os historiadores muito pontuais, verdadeiros, e nada apaixonados, sem que nem interesse, nem temor, nem ódio, nem afeição, os desviem do caminho direito da verdade, que é filha legítima de quem história, êmula do tempo, depósito dos feitos, testemunha do passado, exemplo e conselho do presente, e ensino do futuro. Nesta sei eu que se achará tudo que porventura se deseje na mais aprazível; e se alguma coisa boa lhe falecer, para mim tenho que foi culpa do galgo do autor, antes que por minguia da matéria¹⁷.

Ora é justamente essa vertente problematizante da cultura ibérica que Auerbach deixa escapar... Este, por sua vez, se detém numa visão franco-germânica que se fecha sobre si mesma, julgando a obra cervantina como de apenas entretenimento. Para que possamos destacar a complexidade presente na elaboração da obra *Dom Quixote de La Mancha*, sinalizamos as seguintes articulações de Cervantes¹⁸: Nós, leitores, somos colocados dentro do romance, compartilhando das aventuras de Dom Quixote e de Sancho Pança. Ao mesmo tempo, o literato e *bellatore* Cervantes e nós dividimos o mundo empírico. Temos também a existência, na parte externa do romance, de um narrador e um autor do prólogo que também é o tradutor de Cide Hamete Benengeli; já na parte interna do romance há os personagens Quixote, Sancho e o próprio Cervantes (este que é diferente do escritor do ambiente empírico), o romance de Cide Hamete Benengeli, o romance falso e o romance que está sendo

feito por Quixote e Sancho (o qual estamos lendo). No entanto lembremos a observação de Arbogast Schmitt:

À semelhança do que sucede com a imitação aristotélica, tampouco há, na interpretação do Renascimento, propriamente uma imitação; essa possui a peculiaridade da hipotética ficção aristotélica, que, na verdade, não é uma ficção. É uma descoberta subjetiva, mas que se orienta por uma medida objetivamente dada. Pois o que a poesia descobre, sem que se deva afligir sobre o acontecimento real, é mais corretamente descrito como um achado. Esse achado é orientado por uma realidade, não idêntica ao dado presente – e só por isso o poeta pode libertar-se dele e descobrir -, que, no entanto, está implicitamente presente no dado como seu fundamento (quase infinito) de possibilidades. Pois o termo mais amplo, pelo que se guia a ficção poética, é o possível no sentido do necessário ou do verossímil¹⁹.

Chegando ao final de nosso texto, consideramos que na obra *Dom Quixote de La Mancha* de Miguel de Cervantes ocorre a união profunda entre o trágico e o cômico, dentro de uma relação complexa que caminha por vários sentidos, mas que de modo algum se torna confusa ou desorientada (concorda assim conosco o desenho de Cândido Portinari abaixo). De fato, é praticamente uma autobiografia que revela a sua própria mimesis, dentro de sua inteligibilidade. Conforme José Saramago afirma “*Dom Quixote é o outro que não podemos ser*”²⁰. Cervantes é transformador de uma língua que se completa, o castelhano. Ao contrário do que pensava Auerbach, Dom Quixote é exemplo de uma *loucura lúcida* e Cervantes se alimentava da experiência do mundo empírico, ou seja, de sua imersão no contexto, para compor sua ficcionalidade dentro de uma tradição ibérica.



Figura 01: Dom Quixote Recebendo Vassalagem de Sancho Pança [1956]

Cândido Portinari

Desenho a lápis de cor/cartão/ 33 x 29cm

RJ, Rio de Janeiro. (phpwebquest.org)²¹

Notas

¹ “A tristeza que teve sua valente alegria” (Tradução Nossa). Frase do poema “Alma Ausente” de Federico García Lorca. In: http://www.antoniomiranda.com.br/iberoamerica/espanha/federico_garcia.html (Acesso em 25/11/2014).

² “Não te conheço em nada. Não. Mas eu te canto.

Eu canto em seguida sobre você e sua graça.

A maturidade palpável de seu conhecimento.

Sua inclinação de morte e o gosto de sua boca.

A tristeza que teve sua valente alegria”.

(Tradução Nossa).

³ AUERBACH, Eric. **Mimesis**: a representação da realidade na Literatura ocidental. Tradução coletiva para a língua portuguesa. São Paulo: Perspectiva, ed. 2009.

⁴ A primeira parte publicada em 1605 e a segunda parte em 1615. Uma interessante consulta da obra pode ser feita através da internet na *Biblioteca Nacional de España*: <http://quijote.bne.es/libro.html> (Acesso em 05/06/2012). Também indicamos o acesso ao áudio-livro *Dom Quixote de Miguel de Cervantes* (2010) com adaptação de Leonardo Chianca, além do documentário da History Channel sobre Cervantes de 2007: *Cervantes y la leyenda de Don Quijote: el espíritu de un libro*.

⁵ AUERBACH, Eric. A Dulcinéia Encantada. **Mimesis**: a representação da realidade na Literatura ocidental. Tradução coletiva para a língua portuguesa. São Paulo: Perspectiva, ed. 2009, pp. 299- 320. Este capítulo foi acrescentado na obra em 1949.

⁶ Devemos nos lembrar também que essa tradição ibérica nos afeta, nós brasileiros, pois faz parte de nossa constituição identitária. Os seguintes textos foram inspiradores para nossa presente escrita: MENDES, Luis Filipe Castro. Portugal e o Brasil: atribuições de duas identidades. In: **Revista Convergência Lusíada**. Brasil e Portugal: 500 anos de enlaces e desenlaces. Número Especial, 17, pp. 184-188, 2000. BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autor do Quixote. **Ficções**. Tradução de Carlos Nejar. São Paulo: Editora Globo, 2001, pp. 53-63; HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. ed. 26. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁷ Na íntegra:

“- Eu não vejo, Sancho, disse D. Quixote, senão três lavradoras sobre três burrinhos.

- Então, livre-me Deus do diabo, respondeu Sancho; e é possível que três hacanéias, ou como se chamam, brancas como o floco de neve, pareçam a vossa mercê burrinhos? Que me caíam as barbas e se os olhos me enganam!

- Pois eu te digo, Sancho amigo, disse D. Quixote, que é tão verdade que são burrinhos ou burrinhas, como eu sou Dom Quixote, e tu Sancho Pança: ao menos a mim assim parecem.

- Cale-se, senhor, disse Sancho, não diga tal palavra, senão abra esses olhos e venha fazer reverência à senhora dos seus pensamentos, que já vem perto: e dizendo isto, adiantou-se a receber as três aldeãs, e apeando-se do ruço segurou pelo cabresto o jumento de uma das três lavradoras, e ficando ambos os joelhos no chão, disse:

- Rainha, princesa e duquesa da formosura, vossa altivez e grandeza sejam servidas de receber em sua graça e bom talento o cativo cavaleiro vosso, que ali está feito pedra-mármore, todo turbado e sem pulsos de ver-se ante vossa magnífica presença. Eu sou Sancho seu escudeiro, e ele é o afadigado cavaleiro D. Quixote da Mancha, também conhecido como o Cavaleiro da Triste Figura.

A essa altura já se havia posto D. Quixote de joelhos junto a Sancho, e olhava com olhos esbugalhados e vista turbada à que Sancho chamava rainha e senhora; e como não descobrisse senão uma moça aldeã e de feições não muito bonitas, porque tinha a face redonda e chata, estava suspenso e admirado, sem ousar despregar os lábios. As lavradoras estavam também atônitas vendo aqueles dois homens tão diferentes fincados de joelhos, atravessados no caminho; mas rompendo o silêncio a detida, toda sem graça e mofina, disse:

- Apartem-se ora do caminho, e deixem-nos passar, que vamos com pressa.

Ao que respondeu Sancho:

- Ó princesa e senhora universal de Toboso, como vosso magnânimo coração não se entenece vendo ajoelhado ante vossa sublimada presença a coluna e sustentáculo da andante cavalaria?

Ouvindo disse:

- Que arenga é essa? Ora vejam só, esses senhorinhos a zombar das aldeãs como se não soubéssemos nos livrar de pulhas desse tipo. Vão andando e deixem-nos ir ou vão acabar se arrependendo.

- Levanta-te, Sancho, disse isto a D. Quixote, que já vejo que a fortuna, do meu mal não satisfeita, tem tomado os caminhos todos por onde possa vir algum contento a esta alma mesquinha que tenho nas carnes. E tu, extremo valor que possa desejar-se, término da humana gentileza, único remédio deste aflito coração que te adora, pois que o maligno encantador me persegue, e pôs nuvens e cataratas em meus olhos, e para somente eles e não para outros mudou e transformou tua sem igual formosura e rosto no de ma pobre lavradora, se é que já não demudou o meu para o de algum monstrengo, odioso à tua vista, não deixes de olhar-me branda e amorosamente, achando ver nesta submissão e ajoelhamento que à tua contrafeita formosura faço a humildade com que minha alma te adora.

- Ah, se eu te pego!, exclamou a aldeã, eu sou mesmo muito amiga de gracinhas. Afastem-se e deixem-nos ir que ficaremos agradecidas.

Apartou-se Sancho e deixou-a ir, contentíssimo de ter-se saído tão bem da sua tramóia. Tão logo viu-se livre a aldeã que havia feito a figura de Dulcinéia quando, picando sua cananéia com um agulhão que num pau trazia, deu a correr pela charneca adiante; e como a burra sentisse que a ponta do agulhão a afatigava mais do que de ordinário, começou a dar corcovos, de maneira que deu com a senhora Dulcinéia em terra: ao que D. Quixote acorreu a levantá-la, e Sancho a compor e cinchar a albarda que também veio à barriga da jumenta. Acomodada, pois, a albarda, e querendo D. Quixote levantar a sua encantadora senhora nos braços sobre a jumenta, a senhora, levantando-se do chão, tirou-lhe aquele trabalho, porque pondo-se um tanto atrás, deu uma corridinha e, postas ambas as mãos sobre as ancas da jumenta, deu com seu corpo mais ligeiro do que um falcão sobre a albarda, e ficou escarranchada como se fosse homem, e então disse Sancho:

- Cáspite, que é a senhora nossa ama mais ligeira do que um pássaro, e que pode ensinar a subir a gineta ao mais destro cordobês ou mexicano; o arção traseiro da sela passou de um pulo, e sem esporas faz correr a hacanéia como uma zebra, e não lhe ficam atrás as suas donzelas, que todas correm como o vento.

E assim era a verdade, porque vendo-se a cavalo Dulcinéia, todas picaram atrás dela e dispararam a correr, sem voltar a cabeça atrás por espaço de mais de meia légua. Seguiu-as D. Quixote com a vista, e quando viu que não apareciam, voltando-se a Sancho, disse-lhe:

- Sancho, que achas por que sou tão malquisto de encantadores?”

Trecho do capítulo X do Segundo Livro de *Dom Quixote de La Mancha* de Cervantes, conforme citado nesta edição da obra de *Mimesis*. AUERBACH, Eric. A Dulcinéia Encantada. **Mimesis**: a representação da realidade na Literatura ocidental. Trad. coletiva para a língua portuguesa. São Paulo: Perspectiva, ed. 2009, p. 301-302.

⁸ AUERBACH, Eric. A Dulcinéia Encantada. **Mimesis**: a representação da realidade na Literatura ocidental. Tradução coletiva para a língua portuguesa. São Paulo: Perspectiva, ed. 2009, p. 307.

⁹ AUERBACH, Eric. A Dulcinéia Encantada. **Mimesis**: a representação da realidade na Literatura ocidental. Tradução coletiva para a língua portuguesa. São Paulo: Perspectiva, ed. 2009, p. 308-309.

¹⁰ A busca pela “condição humana” que Michel de Montaigne (1533-1592), contemporâneo de Cervantes, já buscava em seus ensaios. MONTAIGNE, Michel. **Ensaaios**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Editora Nova Cultural, v. 1, ed. 2004.

¹¹ CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha**. Livro Primeiro. Tradução de Viscondes de Castilho e Azevedo. Porto Alegre: L&PM, ed. 2011, p.9 e 16.

¹² AUERBACH, Eric. A Dulcinéia Encantada. **Mimesis**: a representação da realidade na Literatura ocidental. Tradução coletiva para a língua portuguesa. São Paulo: Perspectiva, ed. 2009, p. 313.

¹³ AUERBACH, Eric. A Dulcinéia Encantada. **Mimesis**: a representação da realidade na Literatura ocidental. Tradução coletiva para a língua portuguesa. São Paulo: Perspectiva, ed. 2009, p. 314.

¹⁴ AUERBACH, Eric. A Dulcinéia Encantada. **Mimesis**: a representação da realidade na Literatura ocidental. Tradução coletiva para a língua portuguesa. São Paulo: Perspectiva, ed. 2009, p. 316.

¹⁵ CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha**. Livro Primeiro. Tradução de Viscondes de Castilho e Azevedo. Porto Alegre: L&PM, ed. 2011, p. 82-83.

¹⁶ Para tanto conferir: JAROUCHE, Mamede Mustafa. Uma poética em ruínas. **Livro das mil e uma noites**, vol. I: ramo sírio/Anônimo. Tradução do árabe para a língua portuguesa por Mamede Mustafa Jarouche. 3 ed. São Paulo: Globo, pp.11-35, 2006.

¹⁷ CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha**. Livro Primeiro. Tradução de Viscondes de Castilho e Azevedo. Porto Alegre: L&PM, ed. 2011, p. 83-84.

¹⁸ Nesse sentido apontamos: ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. E de acordo com Cunha: “Ao abordar essas questões, faz-se necessário discutir o conceito de texto narrativo formulado por Eco que, segundo o crítico, pode ser metaforicamente comparado com um bosque, pois,

ao adentrá-lo, o indivíduo opta por um caminho a seguir. Da mesma sorte, o texto narrativo suscita uma caminhada: existem inúmeras possibilidades a serem escolhidas, quando um leitor decide ler uma determinada obra, e esta simbiose entre autor e leitor pode ser observada de duas maneiras. Na primeira, é recorrente o confluir das vivências, uma mistura caótica entre realidade e ficção; o aparecimento de indivíduos que transformam o texto em “receptáculo de suas próprias paixões” (ECO, 1994, p. 14). Os participantes deste tipo de escrita ou leitura são denominados por Eco como autor e leitor empíricos, sendo que esses construtores do texto escrevem e lêem uma obra, espelhando-se em momentos efetivamente vividos. Entretanto, há uma segunda maneira de correlação ficcional: o autor e o leitor modelos. Essas duas entidades permitem o revelar das inúmeras potencialidades do texto. Elas estabelecem entre si um *double jeu* (ECO, 1994, p.17), um jogo no qual o autor escreve para um leitor específico e este busca, a todo o momento, descobrir a atitude ou a leitura que o autor-modelo espera dele. Tal processo permite que o texto bifurque-se em inúmeros caminhos. Ao perseguir a maneira “correta” de efetuar a leitura de uma obra literária, é possível notar que não há uma verdade única para um texto, e, sim, representações semióticas, intenções sugeridas pelo autor, sendo que estas se encontram ao encargo do leitor, que concretiza, a cada releitura, descobertas inseridas nas representações, criação de novos signos para a obra”. In: CUNHA, Marília Simari Crozara. O leitor, o espectador e as afinidades artístico-enunciativas em variações enigmáticas. **Revista Fênix de História e Estudos Culturais**. Vol. 5, ano V, n.1, pp.2-3, jan., fev., março de 2008.

¹⁹ SCHMITT, Arbogast. *Mimesis* em Aristóteles e nos comentários da *Poética* no Renascimento: da mudança do pensamento sobre a imitação da natureza no começo dos tempos modernos. In: LIMA, Luiz Costa (organizador). **Mimesis e a reflexão contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 147.

²⁰ Assistir em: Documentário da History Channel sobre Cervantes de 2007: *Cervantes y la leyenda de Don Quijote: el espíritu de un libro*. E visualizar a imagem feita por Cândido Portinari na próxima página.

²¹ Cândido Portinari. **Dom Quixote Recebendo Vassalagem de Sancho Pança [1956]**. Desenho a lápis de cor/cartão. 33 x 29cm. RJ: Rio de Janeiro. Acesso em phpwebquest.org (05/06/2012).

Bibliografia

Fontes:

AUERBACH, Eric. A Dulcinéia Encantada. **Mimesis**: a representação da realidade na Literatura ocidental. Tradução coletiva para a língua portuguesa. São Paulo: Perspectiva, ed. 2009, pp. 299- 320.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha**. Livro Primeiro. Tradução de Viscondes de Castilho e Azevedo. Porto Alegre: L&PM, ed. 2011.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha**. Livro Segundo. Tradução de Viscondes de Castilho e Azevedo. Porto Alegre: L&PM, ed. 2011.

Leituras:

BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autor do Quixote. **Ficções**. Tradução de Carlos Nejar. São Paulo: Editora Globo, 2001, pp. 53-63.

CUNHA, Marília Simari Crozara. O leitor, o espectador e as afinidades artístico-enunciativas em variações enigmáticas. **Revista Fênix de História e Estudos Culturais**. Vol. 5, ano V, n.1, pp.1-7, jan., fev., março de 2008.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. ed. 26. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAROUCHE, Mamede Mustafa. Uma poética em ruínas. **Livro das mil e uma noites**, vol. I: ramo sírio/Anônimo. Tradução do árabe para a língua portuguesa por Mamede Mustafa Jarouche. 3 ed. São Paulo: Globo, pp.11-35, 2006.

MENDES, Luis Filipe Castro. Portugal e o Brasil: atribulações de duas identidades. In: **Revista Convergência Lusíada**. Brasil e Portugal: 500 anos de enlances e desenlaces. Número Especial, 17, pp. 184-188, 2000.

MONTAIGNE, Michel. **Ensaaios**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Editora Nova Cultural, v. 1, ed. 2004.

SCHMITT, Arbogast. *Mímesis* em Aristóteles e nos comentários da *Poética* no Renascimento: da mudança do pensamento sobre a imitação da natureza no começo dos tempos modernos. In: LIMA, Luiz Costa (organizador). **Mímesis e a reflexão contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, pp. 137-189.

Mídias:

Manuscrito *Don Quijote de Cervantes* na Biblioteca Nacional de España: <http://quijote.bne.es/libro.html> (Acesso em 05/06/2012).

Áudio-livro *Dom Quixote de Miguel de Cervantes* (2010) com adaptação de Leonardo Chianca.

Documentário da History Channel sobre Cervantes (2007): *Cervantes y la lenda de Don Quijote: el espíritu de un libro*.

Imagem:

Dom Quixote Recebendo Vassalagem de Sancho Pança [1956] de Cândido Portinari. Acesso em phpwebquest.org (05/06/2012).